

Dono da festa

-5 OUT 1984 Villas-Bôas



É perfeitamente natural que o presidente do PMDB reivindique para o seu partido a paternidade da Constituição que está sendo promulgada hoje, numa festança que testará a aprovação popular pela presença da multidão decidida às vaias e aplausos e que foi poupada do ridículo monárquico da distribuição das medalhas.

Mas, é no mínimo discutível que o presidente da Constituinte baixe das alturas em que pairou durante toda sua obsessiva dedicação à sagrada tarefa de tocar a aprovação da nova Carta e de juiz imparcial se transforme no politiquero que, com mão de gato, toma o texto que é de todos para ofertá-lo, como bandeira de campanha e de reabilitação da legenda em pandarecos, ao PMDB em aflições de campanha e andor para carregar sua candidatura à presidência da República.

Talvez não seja hora de cobrar erros cobertos pelos acertos e resultados. Afinal não é agradável estragar a festa há tanto esperada e justo no seu grande dia, quando a Constituição começa a ser reconhecida e saudada como um texto avançado, embora contraditório e que se pautou no fundamental pelas exigências da sociedade.

Acontece que os equívocos estão produzindo agora suas conseqüências, denunciando seus estragos, mostrando a repercussão retardatária de enganos táticos que foram criticados em cima da hora.

O PMDB precisa reclamar a participação na Constituinte, está sendo encarado como a legenda que tenta bater a Constituição do bolso alheio exatamente porque seu presidente acumulou funções em excesso e acabou imprensado pelo conflito de atribuições que se chocavam e que nunca se compatibilizaram.

Quando o presidente José Sarney, atingido na popularidade pela degradingolada do cruzado, renunciou à ambição de liderar a Constituinte, bancando anteprojeto encaminhado pelo governo através de sua maioria parlamentar, cedendo à pressão do doutor Ulysses, o palco ficou vazio e entregue ao PMDB para que representasse seu papel.

Pintou a grande hora do partido amplamente majoritário, o beneficiário da ilusão dos preços congelados, único a faturar votos dos fiscais de Sarney.

As circunstâncias convocavam o PMDB para resgatar a frustração do eleitor, renovando esperanças que se recobriam com a poeira da decepção.

Era até uma questão de brio partidário. A oportunidade de demonstrar ao seu eleitor que ele não fora ludibriado, seu voto seria honrado.

Mas para isso o PMDB necessitava liderança autônoma, independente, desvinculada dos compromissos e constrangimentos que embaraçavam o presidente da Constituinte.

A verdade é que o doutor Ulysses dedicou-se por inteiro à Constituinte, no reconhecimento de óbvia prioridade. O PMDB não foi propriamente abandonado, relegado a segundo plano. Mas seus interesses subordinaram-se às táticas e tramas do presidente da Constituinte. E das pretensões de notório e ora assumido candidato à sucessão presidencial.

Ao presidente da Constituinte não convinha provocar choques. Para evitar qualquer perturbação aos trabalhos constituintes, silenciaram-se as reivindicações do partido majoritário. E, de sobra, preservava-se o perfil de frente, a ficção da unidade para a utilização futura, quando da escolha do candidato ao lugar de Sarney.

Na Constituinte, o PMDB dispersou-se. Jamais atuou como partido, empunhando propostas nítidas, negociando a partir de anteprojeto. Não há uma única emenda apoiada oficialmente pela legenda.

O resultado está aí. Nem o PMDB livrou-se de racha que gerou legenda alternativa no PSDB dos tucanos nem se identifica de maneira nítida e indiscutível como o partido que moldou a Constituição através do desempenho e dos votos da sua bancada solidária e consistente.

Tarde demais o doutor Ulysses pisa na sua amarrotada imparcialidade de presidente da Constituinte para empurrar a Constituição no colo do PMDB necessitado de voto, em posição penosa nas primeiras pesquisas eleitorais.

A Constituição que não foi de Sarney também não é do PMDB. O doutor Ulysses pode, com toda a legitimidade, assumir ares de dono da festa.

Mas a Constituição acabou sendo do povo, da sociedade. Sem demagogia, como reconhecimento de evidência. A mobilização popular não levou tones. Afinal o plenário compôs-se como pôde, martelando mais no cravo mas concedendo batidas na ferradura. A UDR, por exemplo, ganhou a reforma agrária, mostrando que a competência foi sempre premiada, acima da ideologia. Mas, no que pode render voto, nos avanços sociais, na definição dos direitos individuais e coletivos, a mobilização do povo acabou vingando no oco do plenário órfão.

A manobra eleitoreira de empalmar a Constituição e com ela presentear o PMDB pode ser benevolmente interpretada como jogada esperta, oportunista, marota.

Não engana aos atentos. Quem acompanhou o traço sinuoso da Constituinte, suas angústias e hesitações, sabe que o PMDB omitiu-se como partido, renunciou às suas responsabilidades, virou às costas aos compromissos de campanha e do programa.

O levantamento dos votos pessoais da bancada dissolvida pode compor painel para enganar os tolos. Mas não fica muito bem, ao partido que se escondeu, apresentar-se como autor da obra feita. A astúcia fica, por vezes, muito próxima da malandragem e com ela se confunde.